

Tradutor e intérprete de Libras: visão de um grupo de professores do Ensino Superior

Brazilian sign language translator and
interpreter: view of a group of higher
education professors

Traductor e intérprete de Libras: vista de un
grupo de profesores de Educación Superior

*Tânia Lisboa**

*Ana Cristina Guarinello**

*Israel Bispo dos Santos**

*Simone Infingardi Kruger**

*Ana Paula Berberian**

Resumo

Objetivo: analisar a visão de um grupo de professores de duas Instituições de Ensino Superior acerca do tradutor e intérprete de Libras (TILS). **Método:** estudo descritivo, de caráter quantitativo e qualitativo. Foi realizada entrevista semiestruturada junto aos 14 professores que têm alunos surdos em suas turmas. Para análise dos dados foi adotado o método de análise de conteúdo. Os conteúdos foram agrupados em dois eixos temáticos: a) visão de professores acerca do papel do TILS: em relação ao surdo, ao professor e à turma; b) visão de professores quanto à relação entre professor e TILS. **Resultados:** Todos os participantes afirmaram que compete a tal profissional traduzir as falas do professor para Libras. 57% concebem o processo de tradução para mediar a aprendizagem e 43% para transmitir conteúdo. Na relação com os professores, 71% consideram que o TILS deve adequar-se ao professor e à disciplina, e 29%, que cabe ao TILS orientá-lo quanto ao aluno surdo. Quanto à interação do aluno surdo com outros acadêmicos, 64% consideram que o TILS deve favorecer tal interação, e 29%, que ele não deve intervir

* Universidade de Tuiuti, Tuiuti, PR, Brasil.

Contribuição dos autores:

TL, ACG, e APB foram responsáveis pela concepção e delineamento do estudo, coleta, análise e interpretação dos dados, e redação do artigo e aprovação final da versão a ser publicada; IBS e SIK contribuíram com a análise e interpretação dos dados e elaboração e redação do artigo, e com a aprovação final da versão a ser publicada.

E-mail para correspondência: Simone Infingardi Kruger - simonekrueger@hotmail.com

Recebido: 30/11/2020

Aprovado: 02/06/2021

nesse aspecto. **Conclusão:** as parcerias entre TILS e professores do ES ainda se encontram num processo inicial de construção nas IES. As particularidades pertinentes às ações de cada profissional e os pontos de convergência entre as mesmas vêm sendo identificadas. É necessário o implemento de pesquisas, que promovam conhecimentos capazes de subsidiar parcerias entre TILS e professores do ES construídas a partir da troca de conhecimentos e informações acerca dos conteúdos acadêmicos.

Palavras-chave: Ensino Superior; Educação de Pessoas com Deficiência Auditiva; Tradutor e intérprete.

Abstract

Objective: view of the role of TILS: in relation to the deaf, the teacher and the class; b) teachers' view of the relationship between teacher and TILS. **Method:** descriptive study, quantitative and qualitative. A semi-structured interview was conducted with the 14 teachers who have deaf students in their classes. For data analysis, the content analysis method was adopted. The contents were grouped into two thematic axes: a) teachers' view of the role of TILS: in relation to the deaf, the teacher and the class; b) teachers' view of the relationship between teacher and TILS. **Results:** All participants stated that it is up to such a professional to translate the teacher's statements into Libras. 57% design the translation process to mediate learning and 43% to stream content. In relation to teachers, 71% consider that TILS should be adapted to the teacher and the discipline and 29% that it is up to TILS to advise them on deaf students. Regarding the interaction of deaf students with other academics, 64% consider that TILS should favor such interaction and 29% that they should not intervene in this aspect. **Conclusion:** The partnerships between TILS and IES teachers are still in an initial process of construction in IES. The particularities pertinent to the actions of each professional and the points of convergence between them have been identified. It is necessary to implement researches that promote knowledge capable of subsidizing partnerships between TILS and IES teachers built from the exchange of knowledge and information about academic content.

Keywords: Higher Education; Education of Hearing Disabled; Translator and interpreter.

Resumen

Objetivo: analizar la opinión de un grupo de docentes de dos instituciones de Educación Superior (IES) sobre el traductor e intérprete Libras (TILS). **Método:** estudio descriptivo, cuantitativo y cualitativo. Se realizó una entrevista semiestructurada con los 14 maestros que tienen estudiantes sordos en sus clases. Para el análisis de datos, se adoptó el método de análisis de contenido. Los contenidos se agruparon en dos ejes temáticos: a) visión de los profesores sobre el papel de TILS: en relación con los sordos, el profesor y la clase; b) visión de los docentes sobre la relación entre docentes y TILS. **Resultados:** Todos los participantes declararon que corresponde a ese profesional traducir las declaraciones del maestro a Libras. El 57% diseña el proceso de traducción para mediar en el aprendizaje. 43% para transmitir contenido. En relación con los maestros, el 71% considera que TILS debe adaptarse al maestro y la disciplina y el 29% que corresponde a TILS asesorarlos sobre estudiantes sordos. Con respecto a la interacción de los estudiantes sordos con otros académicos, el 64% considera que TILS debería favorecer dicha interacción y el 29% que no deberían intervenir en este aspecto. **Conclusión:** Las asociaciones entre TILS y los maestros de IES todavía están en un proceso inicial de construcción. Se han identificado las particularidades pertinentes a las acciones de cada profesional y los puntos de convergencia entre ellos. Es necesario implementar investigaciones que promuevan el conocimiento capaz de subsidiar alianzas entre maestros TILS y IES construidas a partir del intercambio de conocimiento e información sobre contenido académico.

Palabras clave: Educación Superior; Educación de Personas con Discapacidad Auditiva; Traductor e intérprete.

Introdução

Um dos desafios da sociedade do século XXI é conviver com a diversidade e assegurar o direito à igualdade a todas as parcelas da população. Isso pressupõe uma participação efetiva de pessoas com deficiência nas diversas atividades e esferas sociais, o que no caso da pessoa com deficiência auditiva, implica reconhecer que parte dessa população é usuária da língua de sinais e que pertence a uma minoria linguística e cultural¹.

Diante desse desafio, no campo da Educação Brasileira, as instituições de Ensino Superior (IES) vêm passando por transformações, especialmente, ao longo da última década, uma vez que ações afirmativas de acessibilidade de grupos sociais anteriormente excluídos desse nível de formação vêm ganhando espaço e se consolidando. Dentre tais ações, destaca-se a Lei de Cotas, aprovada pelo Governo Federal em 2016, a qual além de reservar um número de vagas para pessoas com deficiências no Ensino Superior (ES) público, faz parte de uma política de Estado cujo objetivo é favorecer condições de acesso de tais pessoas nesse nível de formação, o que pressupõe o ingresso, a permanência e uma formação de qualidade²⁻⁴.

Dados demonstram que 5% da população brasileira possui algum tipo de deficiência auditiva, e são potencialmente candidatos para cursar o ES⁵.

Dentre as iniciativas governamentais que geram impacto na formação de surdos no ES, destaca-se a Lei Federal nº 10.436/2002⁶ que reconhece a Língua Brasileira de Sinais (Libras) como meio legal de comunicação e expressão, e a considera como um sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, capaz de transmitir ideias e fatos, oriunda de comunidades de pessoas surdas do Brasil.

A partir de tal legislação, o Decreto nº 5626/2005⁷ vem regulamentar o uso da Libras estabelecendo que as instituições de ensino em todos os níveis e modalidades devem disponibilizar o tradutor e intérprete de língua de sinais (TILS) para o atendimento dos candidatos surdos nos processos seletivos, assim como, para viabilizar o acesso à comunicação e à informação do surdo nas dependências das IES no decorrer de sua trajetória escolar.

Decorrente de ações governamentais que vêm sendo implementadas com objetivo de contribuir para a inclusão social do surdo, sobretudo no ES,

pode-se acompanhar uma crescente demanda de novos postos de trabalho para TILS no ES. Destaca-se, contudo, que embora haja uma expectativa de crescimento em relação à presença do surdo neste nível de ensino e, portanto do TILS, atualmente isso representa apenas 0,08% do total de alunos matriculados, conforme dados da Sinopse Estatística da Educação Superior no Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP)⁸.

Considerando que professores e TILS estão envolvidos diretamente com os processos de acessibilidade do aluno surdo no ES e, portanto, assumem lugar de relevância na qualidade de sua formação acadêmica, analisar como vêm sendo concebidas e estabelecidas as relações entre tais profissionais nesse contexto de formação torna-se fundamental.

De acordo com essa posição, estudos brasileiros⁹⁻¹² apontam que uma nova configuração se instaura em todos os níveis de formação e nos diferentes espaços escolares com a presença do TILS em sala de aula, e que tal fato torna urgente a necessidade do implemento do trabalho conjunto e de parceria entre esse profissional e os professores na condução das práticas pedagógicas cotidianas e, portanto, do processo de ensino/aprendizagem desse alunado.

Apesar do reconhecimento de tal necessidade, pode-se acompanhar, nacional e internacionalmente, que os estudos acerca da formação do surdo no ES não têm priorizado a análise de como as relações entre esses profissionais vem sendo estabelecidas, mas enfocam, especialmente, aspectos relativos ao perfil e à inserção-atuação do TILS, bem como, à visão de alunos surdos e ouvintes acerca de tal atuação¹³⁻¹⁶. Podem-se verificar, em número reduzido, estudos, nacionais e internacionais que abordam a relação entre TILS e professores do ES^{17,18}.

Diante da escassez de estudos circunscritos ao ES, para discorrer acerca de como vem ocorrendo a relação entre professores e TILS na formação no ES de alunos surdos, é necessário recorrer a estudos que analisam essa relação em outros níveis de ensino.

Resultados de pesquisas¹⁹⁻²⁴ em escolas públicas brasileiras de ensino fundamental revelam que o tradutor e intérprete de Libras acompanha os alunos surdos em todas as atividades e, também, auxilia os docentes durante o processo educacional destes alunos, inclusive nas questões de relacionamento com a turma. Além disso, pode-se apreender que

o TILS auxilia os professores na elaboração de provas e na busca por alternativas e métodos que facilitem a aprendizagem do aluno.

A partir de tais estudos foi possível verificar que grupos de professores consideram que a presença do TILS em sala de aula possibilita a efetividade da comunicação do surdo no processo de ensino-aprendizado e que tais profissionais deveriam, de forma mais sistemática, ter um envolvimento com o trabalho pedagógico. Esses estudos consideram que ambos os profissionais devem ter disponibilidade para o desenvolvimento de um trabalho conjunto visando à qualidade de ensino para o aluno surdo¹⁹⁻²⁴.

A partir de um estudo nacional¹⁸, cujo objetivo foi analisar a visão de professores que atuam com alunos surdos, em relação ao papel do TILS no ES, verificou-se que os mesmos não compreendem como se dão as práticas de tradução e interpretação realizadas por esse profissional, uma vez que a concebem como uma simples transposição do português para Libras. No que se refere à forma como podem contribuir com a atuação do TILS, os professores referiram, apenas, que devem falar mais devagar para facilitar o ato da tradução¹⁷.

Contrária a tal concepção, ao analisar a natureza da relação que deve ser estabelecida entre professor-TILS, estudos^{9,24} apontam para o fato de que considerar a tradução como uma simples transposição do português para Libras pressupõe reduzir tal prática à transposição de um código/língua para outro código/língua e considerar, equivocadamente, as línguas como transparentes e os sentidos estabelecidos a partir delas como únicos. Dessa forma, os aspectos culturais e contextuais que participam dessa prática não são considerados. Tais estudos analisam, criticamente, a concepção de tradução como um ato mecânico que ocorreria a partir do seguinte mecanismo:

- a) transmissão de um conteúdo pelo professor a partir de um código, no caso, estruturado oralmente na língua portuguesa;
- b) a recepção desse conteúdo pelo TILS;
- c) a transposição do mesmo para Libras e, por fim;
- d) a recepção por parte do aluno surdo.

Colocando em questão os mecanismos acima descritos para definir o ato da tradução, outros estudos¹²⁻¹⁴ defendem a ideia de que a prática da tradução e interpretação implica em interpretar e mediar conhecimentos, visões e informações, o que pressupõe a participação daquele que interpreta.

Considera-se que traduzir conteúdos não significa uma tradução literal do que se fala e ao conceber o TILS como mediador do conhecimento e da relação entre o aluno surdo, colegas e professores, entende-se que além de um repertório linguístico amplo, ele precisa ter acesso prévio acerca do que será abordado em sala de aula, para ter tempo hábil de criar estratégias que o auxiliem no desempenho de sua função. Tal entendimento está assentado na concepção de que o trabalho do TILS não está restrito a um ato mecânico de decodificação da fala do professor e de sua codificação em Libras para o surdo, mas incide sobre a linguagem/língua que consiste numa construção social e histórica que se realiza nas relações sociais^{9,25,26}.

Cabe aqui esclarecer, que esse trabalho não corrobora com a perspectiva reducionista que conceitua a tradução como transmissão/repasso literal dos enunciados, ou seja, uma instrumentalização, mas sim com uma perspectiva de interpretação/mediação. Tal perspectiva considera a complexidade de uma interpretação a partir da relação dialógica que o TILS estabelece com diversos enunciados^{9,25,26}.

O entendimento de que a atuação do TILS incide, fundamentalmente, sob a linguagem do aluno surdo e sob as relações dialógicas que o mesmo estabelece no contexto de sua formação implica, por sua vez, na compreensão de que sua atuação objetiva ampliar as possibilidades desse aluno se colocar como interlocutor junto aos diferentes atores que participam do processo de ensino-aprendizagem, posição essa determinante para que ele possa assumir o papel de protagonista nesse processo^{9,25,26}.

Interessa destacar que o reconhecimento de que a atuação do TILS deve estar comprometido com a acessibilidade denominada como comunicacional e não com a tutoria do estudante surdo, está alinhado a uma concepção do ato educativo como processo dialógico que objetiva a democratização do conhecimento sistematizado academicamente, a ampliação de uma consciência crítica do educando sobre a realidade, bem como, o seu empoderamento como sujeito ativo e transformador²⁴⁻²⁶. Com base nessa concepção, para que tal ato seja conduzido no ES com a participação efetiva dos alunos, do TILS e do professor é necessário que sejam considerados aspectos envolvidos com o processo de apropriação do conhecimento próprios a esse nível de formação:

- a) existem vários níveis de apropriação da realidade, fato que deriva na evidência de que há diversos níveis de conhecimento, os quais vão desde o senso comum (espontâneo, assistemático, cotidiano), até o senso científico (metodizado, sistematizado, não cotidiano);
- b) as experiências humanas, cotidianas e não-cotidianas, e seus consequentes níveis de complexidade, implicam em diferentes níveis de instrumentalização, os quais podem ser agrupados em dois blocos: instrumentalização primária – ligada aos conteúdos cotidianos, à realidade em si, e à instrumentalização secundária – pertinente à apropriação sistematizada, intencional e consciente de princípios técnicos, políticos e filosóficos, pela via da apropriação de conceitos e da articulação entre conceitos, permitindo a apropriação da realidade para si;
- c) a universidade é lócus privilegiado da instrumentalização secundária, uma vez que, orientada pelo tripé ensino-pesquisa-extensão, pressupõe a apropriação de conceitos/fundamentos que propiciem a produção de novos conhecimentos e a intervenção intencional e responsável sobre a realidade, por parte de seus educandos^{25,26}.

Tais considerações evidenciam que a parceria entre TILS e professores do ES deve promover o protagonismo de todos os atores envolvidos com a apropriação do conhecimento acadêmico. Nesse sentido, o trabalho em conjunto entre os referidos profissionais deve acontecer de forma que seja possível o planejamento prévio por parte do TILS para que a interpretação ocorra de forma fluente, sem interrupções, intermediando, assim, uma ação que pode favorecer a apropriação do conhecimento pelo surdo.

Um estudo¹⁷ analisa criticamente o fato de que muitos professores universitários hesitam, equivocadamente, em fornecer o material antecipadamente para os intérpretes alegando que os alunos surdos terão uma vantagem injusta, perante os alunos ouvintes, se assim o fizerem. Nesse estudo, fica explícita a ideia de que a relação entre TILS e professores precisa ser mais bem compreendida e consolidada¹⁷.

Outro estudo⁶ evidencia que a parceria entre tais profissionais deve ocorrer de forma permanente e sistemática, a partir do compartilhamento dos conteúdos acadêmicos, da elaboração de práticas,

de estratégias para abordar os conteúdos, e obviamente das necessidades dos alunos surdos.

Entende-se que o reconhecimento mútuo da importância de tal parceria e, portanto, de uma participação ativa e colaborativa de ambos os profissionais representam condições basilares para que alunos surdos tenham direito a uma educação de qualidade^{9,10,12,24}.

De acordo com as considerações acima, o objetivo deste trabalho é analisar a visão de um grupo de professores de IES de uma cidade no sul do Brasil, quanto ao papel/função do TILS de modo geral, em relação ao surdo, ao professor e à turma, bem como, acerca da relação entre professor e TILS.

Método

A presente pesquisa trata-se de um estudo do tipo descritivo, de corte transversal e caráter quantitativo-qualitativo, previamente, aprovada pelo Comitê de Ética, conforme parecer 1.540.698.

Esta pesquisa foi realizada em uma cidade localizada no Sul do Brasil, a qual foi escolhida porque é o local onde o centro de pesquisa deste estudo foi realizado, e devido à presença de muitas pessoas surdas usuárias de língua de sinais. Cabe esclarecer que segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística⁵, na região estudada existem mais de 2000 pessoas surdas.

A coleta de dados, foi realizada no período de junho e julho de 2016, por meio de entrevistas com professores que trabalham em duas IES particulares, localizadas na referida cidade. Quanto ao critério de inclusão, participaram do estudo professores que ministram aulas para surdos, em instituição de ES, acompanhados de TILS. Ressalta-se que não foi adotado critério de exclusão para a seleção dos participantes.

Destaca-se que na época em que foi realizada a pesquisa de campo, a Instituição-1 contava com 17 professores que atuavam junto a alunos surdos, acompanhados do TILS, e a Instituição-2, com 35 professores. De um total de 52 profissionais contatados por e-mail para participar da pesquisa, 14 responderam positivamente. Assim, a amostra da pesquisa foi composta por 2 professores da Instituição-1 e 12 da Instituição-2, o que justifica a diferença entre o total de participantes de cada instituição.

Após o aceite dos professores, foi marcado um horário para a realização de entrevista individual

e, após da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, a entrevista foi realizada e gravada, utilizando como instrumento um roteiro composto por questões relacionadas aos seguintes aspectos:

- a) atribuições/funções do TILS de modo geral, no que se refere ao surdo, ao professor e ao restante da turma;
- b) ações pertinentes para serem desenvolvidas junto com o TILS.

A organização e o tratamento dos resultados foram baseados na análise do conteúdo²⁷. Tal análise é composta por um conjunto de técnicas de análise das comunicações realizada por meio de procedimentos objetivos e sistemáticos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens. Para realização deste estudo, a técnica de análise eleita foi a categorial temática. Esta técnica permitiu condensar os dados, categorizando-os e uniformizando-os em eixos temáticos de forma a tornar mais acessível a análise das respostas. A utilização dessa técnica ocorreu a partir de três etapas: 1) pré-análise; 2) exploração do material; e 3) tratamento dos resultados a partir da inferência e da interpretação.

Os dados coletados a partir das entrevistas foram transcritos e, antes de serem submetidos à análise, foram enviados via correio eletrônico (e-mail) aos participantes para que os mesmos

tomassem ciência do conteúdo transcrito de sua entrevista, pudessem comprovar a fidedignidade de tal conteúdo e, quando desejassem realizassem mudanças.

A análise temática perpassa por uma gama de categorias que se constitui na frequência dos temas extraídos no discurso do participante. Neste viés, ao identificar os eixos temáticos, presentes na ordenação do roteiro de entrevista, foi possível manter aproximações de informações entre as respostas dos participantes, propiciando, assim, a elaboração das categorias de respostas que foram elencadas nos seguintes eixos:

- a) visão de professores acerca do papel/função do TILS: de modo geral, em relação ao surdo, ao professor e à turma;
- b) visão de professores quanto à relação entre professor e TILS.

Dividiu-se cada eixo em sub-eixos, os quais contemplam os conteúdos centrais apresentados nas respostas fornecidas pelos participantes. Para explicitação de tais conteúdos foram selecionados fragmentos representativos das respostas para posterior análise das mesmas.

Para caracterização dos participantes foram levantados aspectos referentes à escolaridade, aos anos de experiência com o TILS no ES e ao número de TILS com os quais atuou em sala de aula. Para preservar o anonimato, os mesmos foram identificados a partir da letra P, seguida dos números de 1 a 14, conforme Tabela 1.

Tabela 1. Perfil dos professores em relação à escolaridade, área de formação, aos anos de experiência com TILS e ao número de TILS com que trabalhou

P	ÁREA DE ESCOLARIDADE FORMAÇÃO	TEMPO DE EXPERIÊNCIA COM TILS EM SALA DE AULA (ANO)	NÚMERO DE TILS COM QUEM TRABALHOU
P1	Mestrado Psicologia	10	10
P2	Mestrado Informática	5	3
P3	Mestrado Matemática	5	3
P4	Mestrado Engenharia Eletrônica	5	5
P5	Mestrado Ciência da Computação	1,5	2
P6	Mestrado Análise de Sistemas	1	1
P7	Mestrado Administração	6	12
P8	Mestrado Engenharia da Produção	10	4
P9	Doutorado Pedagogia	10	5
P10	Mestrado Filosofia	0,5	2
P11	Mestrado Ciência da Computação	3	5
P12	Doutorado Administração	3	1
P13	Mestrado Fonoaudiologia	0,5	1
P14	Doutorado Odontologia	0,3	2

Fonte: Dados da pesquisa

Dos 14 professores participantes da pesquisa, todos concluíram mestrado e 3, o doutorado. Quanto às áreas de formação, 3 professores estavam inseridos nas Ciências Humanas (Pedagogia, Filosofia e Psicologia), 2 nas Ciências da Saúde (Fonoaudiologia e Odontologia), 2 nas Ciências Sociais Aplicadas (Administração), e 7 nas Engenharias e Ciências Exatas e da Terra (Informática, Matemática, Engenharia Eletrônica, Ciência da Computação, Análise e Desenvolvimento de Sistemas, Engenharia da Produção).

Quanto à variável tempo de experiência com TILS em sala de aula, o período variou entre 6 meses a 10 anos e, portanto, uma média de 5 anos.

Resultados

Quanto à visão dos participantes em relação ao modo como definem o papel/função do TILS cabe destacar que todos afirmaram que compete a tal profissional traduzir as falas do professor, da língua portuguesa para Libras. No entanto, pode-se apreender a partir da leitura das respostas fornecidas pelos participantes, que seus conteúdos apontavam para duas perspectivas acerca do que entendem sobre o processo de tradução e, portanto, sobre o papel do TILS, as quais foram aqui categorizadas como: interpretar/mediar e repassar/transmitir informações.

As categorias e os trechos de respostas referentes à visão dos professores acerca do papel/função do TILS, são apresentados nos Quadros 1 e 2 a seguir.

Quadro 1. Visão de professores acerca do papel/função do TILS de modo geral, em relação ao surdo, ao professor e à turma

SUB-EIXOS	CATEGORIAS	NÚMERO DE ENTREVISTADOS	RELATOS
De modo geral	Interpretar/mediar	8	[...] uma tradução que eles fazem ali, é do que realmente acontece em sala, eles não traduzem só o que você está falando na aula, eles traduzem manifestações da turma, ...uma brincadeira que algum aluno fale que o professor ache graça, então eles estão ligados sempre no ambiente, não só na tradução literal, é isso que a gente percebe (P8) [...] não é uma tradução literal, é uma tentativa de colocar na outra língua, na outra cultura, um conceito mais próximo possível daquele que está sendo trabalhado. Eu acho que em alguns casos deve ser um pouco difícil porque cada língua tem suas especificidades, as expressões, elas são difíceis de você traduzir [...] (P9).
	Repassar/transmitir	6	Eu acho que a função dele seria única e exclusivamente traduzir [...] (P13) Fazer a tradução, transmissão imparcial (P6).
	TOTAL	14	
Em relação ao surdo	Interpretar/mediar	9	É um contexto, porque o intérprete tem que compreender a situação, a condição, a aula enfim, para poder repassar para o aluno. É um contexto, não é literalmente uma tradução de palavras. [...] (P14)
	Repassar/transmitir	5	O papel do intérprete de Libras, é de fazer a transposição da comunicação do diálogo (P10)
	TOTAL	14	

SUB-EIXOS	CATEGORIAS	NÚMERO DE ENTREVISTADOS	RELATOS
Em relação ao professor	Adequar-se ao professor e a disciplina	10	[...] eu acho que as habilidades do intérprete com relação ao professor é entender que cada disciplina e o professor têm características diferentes... na área humanas ele tem uma característica, na área exatas tem outra, e o intérprete tem que ter esse jogo de cintura, para entender o professor que cada área tem um estilo e uma forma de aprender e de ensinar e o intérprete tem que se enquadrar nesse meio (P2)
	Orientar o professor	4	[...] dar esse auxílio para o professor: Esse aluno às vezes precisa de algo especial, ou precisa de alguma coisa diferente dentro de sala de aula [...] (P3)
	TOTAL	14	
Em relação a turma	Favorecer o contato com a turma	9	[...] conversar com os colegas da turma, muitas vezes o intérprete ajuda nisso, ou muitas vezes a conversar com outros setores dentro da instituição, na biblioteca, mesmo na secretaria por uma questão mais administrativa e em sala de aula, tanto fazendo a tradução ali da aula fazendo essa tradução quando da conversa entre colegas da turma [...] (P12)
	Nenhuma relação com a turma	4	Eu não vejo o intérprete muito interagindo com a turma, se o surdo não tiver uma boa interação com a turma, o intérprete não constrói essa ponte. Ele se isola no trabalho dele [...] (P1).
	Explicitar a presença do surdo e do TILSP e suas implicações no contexto de sala de aula	1	Eu acho que de bom tom, ele se apresentar para o resto da turma e explicar qual a função dele ali dentro [...] (P13)
	TOTAL	14	

Fonte: Lisboa TR.²⁸

Quadro 2. Relação entre professor e TILS

SUB-EIXOS	CATEGORIAS	NÚMERO DE ENTREVISTADOS	RELATOS
Ações em parceria	Trabalhar em conjunto	9	[...] assim como o intérprete é o apoio dele para fazer com que esse conteúdo chegue até o aluno, então o professor também é o apoio do intérprete (P6)
	Disponibilizar o conteúdo e o material de aula	5	Preparar um material antes, de apoio para o intérprete, bater um papo uns 5 ou 10 minutos antes para saber se ele entendeu certinho, se ele não entendeu algum termo, alguma coisa tentar explicar de outra maneira, mudar a maneira de explicar, usar alguma analogia algo assim (P5)
	TOTAL	14	
Contribuição com a atuação do TILSP	Interagir com o TILSP	9	[...] eu acho que eu posso contribuir quando me aproximar do intérprete deixando bem claro que se o aluno tiver dúvidas ele precisa dizer isso para mim, eu sempre digo isso para o surdo, mas talvez deva dizer para o intérprete(P9)
	Ter um ritmo e fala adequado	2	O professor tem que ser consciente o suficiente para durante a aula dar um tempo para o intérprete terminar de fazer a tradução...eu sei que nem sempre eu dou esse tempo [...] (P4)
	Preparar e disponibilizar o conteúdo e o material antecipadamente	3	Eu sempre passo material para os meus intérpretes, o material do ambiente virtual também, para ele não ficar perdido (P7)
	TOTAL	14	

Fonte: Lisboa TR.²⁸

Pode-se acompanhar que 57% dos professores referem o papel do TILS como o de interpretar/mediar o processo de ensino e aprendizagem, e 43%, como o de repassar/transmitir conteúdos ministrados em aula. Ressalta-se que dentre os professores que tiveram mais tempo de experiência com TILS em anos de trabalho, independente do número de tradutores e intérpretes com quem trabalhou, predominou o entendimento da tradução como um ato de interpretar/mediar.

Quanto ao papel/função do TILS em relação ao surdo, 64% dos entrevistados consideram que tal profissional deve mediar situações acadêmicas envolvendo tais alunos, e 36%, que cabe ao mesmo repassar o conteúdo de sala de aula.

A distribuição das respostas quanto ao papel/função do TILS em relação aos professores aponta que 71% dos participantes consideram que este deve adequar-se ao professor e à disciplina, e 29%, que o TILS deve orientá-los sobre questões relacionadas ao aluno surdo.

Quanto ao papel/função do TILS em relação à turma, 64% dos professores consideram que ele deve favorecer a interação do aluno surdo com os colegas; 29% que ele não tem nenhuma relação com a turma e 7% que ele deve, previamente, explicar sua função em sala de aula em relação ao surdo, ao professor e à turma.

Quando questionados sobre que ações poderiam ser desenvolvidas junto com o TILS, 64% dos professores referiram trabalhar em conjunto, e 36%, que cabe ao professor disponibilizar o conteúdo e o material de aula para o TILS.

Quando questionados sobre como poderiam contribuir com a atuação do TILS, 64% dos entrevistados concordam que poderiam interagir mais com esse profissional, 22% que poderiam preparar e disponibilizar o material antecipadamente, e 14% consideram que poderiam diminuir o ritmo de fala para contribuir com a interpretação do TILS.

Discussão

De acordo com as respostas fornecidas pelos participantes acerca da visão em torno do papel/função do TILS, de modo geral, em relação ao surdo e em relação à turma, apresentadas no Quadro 1, pode-se acompanhar que a interpretação, apontada como a sua principal atividade, é entendida a partir de duas posições distintas: como ato de repassar/transmitir e como ato interpretar/mediar.

Considerando a maior incidência na segunda posição, predomina, entre os participantes, o entendimento de que a tradução não é literal, de que o ato de interpretar é particular e de que não se trata de apenas transpor palavras faladas pelo professor para a Libras. O ato interpretativo, com base nessa noção, pressupõe que o TILS traduz, também, falas que ocorrem no contexto de sala de aula para favorecer, por parte do surdo, a apreensão do significado do conteúdo abordado pelo professor^{9,29,30}.

Alinhados a essa posição para P8 e P14, conforme apresentado no Quadro 1, a interpretação está atrelada ao conhecimento do TILS em relação aos conteúdos pertinentes à disciplina que está interpretando, bem como, envolve os diálogos que ocorrem em sala de aula considerando que, não só a fala do professor, bem como, a produzida pelos demais alunos participam do processo de ensino-aprendizagem;

No entanto, para alguns dos participantes, a exemplo, P10 e P13, traduzir significa uma transposição de uma língua para a outra, ou seja, suas posições estão assentadas em uma concepção de tradução restrita a transmissão direta, de uma língua para outra, dos conteúdos veiculados a partir da fala do professor.

Em acordo com os pressupostos enunciados, podemos situar que a primeira posição – repassar/transmitir –, uma vez presa à literalidade dos enunciados, encontra-se articulada com a perspectiva de instrumentalização primária, na medida em que o próprio conceito de tradução é reducionista, portanto, denota uma possibilidade de apropriação do conhecimento em si, e não, para si. Já o segundo posicionamento, ou seja, interpretar-mediar, uma vez que considera a complexidade dos elementos inerentes à interpretação, amplia as possibilidades para uma instrumentalização secundária, na medida em que coloca o dito em relação dialógica com os diversos fatores que o constitui^{9,25,26}.

Acerca do papel do TILS na relação com o professor, as respostas apontam para o fato de que o tradutor e intérprete deve orientá-lo sobre como agir com o aluno e, ainda, estabelecer com o professor uma relação mais próxima considerando especificidades relacionadas ao professor e à disciplina, como aparece na resposta de P2, apresentada no Quadro 1.

Nessa direção, P2 afirma que cada professor tem seu jeito próprio de conduzir a aula, que as áreas de conhecimento têm suas características e

especificidades e que o TILS precisa se adequar às particularidades do professor e das áreas. Quanto às particularidades das áreas, ressalta-se que estão ligadas, dentre outras coisas, a termos técnicos utilizados pelos professores ao ministrar as disciplinas, razão pela qual o TILS deve estar em constante aprendizado, o que acontecerá de forma efetiva se houver contatos e trocas sistemáticas entre ele e o professor^{17,23,24}.

Reiterando a necessidade de o TILS orientar o professor, alguns participantes referem não estarem acostumados com a presença de alunos surdos em sala de aula e não conhecerem a Libras, razão pela qual necessitam do TILS para mediar o contato entre ambos e sanar as dúvidas do aluno.

Destaca-se que o entendimento de que cabe ao TILS auxiliar e/ou orientar acerca de questões didático-pedagógicas, evidenciado nas respostas de alguns dos participantes, bem como, em outros estudos^{18,24}, contraria as atribuições dos mesmos considerando a definição de sua ocupação e atuação profissional estabelecida em documentos oficiais^{2,4,6,7}.

Além disso, notamos que o papel atribuído, prioritariamente, por tais participantes ao intérprete, tange ao imediato pedagógico, uma vez que se restringe aos modos de relação e à adequação da Libras aos termos técnicos específicos da disciplina, aspectos necessários, mas não suficientes para promover uma instrumentalização de segunda ordem^{9,25,26}.

Em relação à turma, segundo a maioria dos entrevistados, o TILS deve favorecer a interação do aluno surdo com os colegas, assim como, previamente, explicitar sua função dentro de sala de aula em relação ao surdo, ao professor e à turma.

Para P12, conforme explicitado no Quadro 1, o papel/função do TILS não deve estar limitado às situações vivenciadas em sala de aula, mas se estender ao ambiente acadêmico, para que o aluno surdo possa interagir e participar de todas as atividades da instituição. Nessa direção, considera-se que o TILS, além de interpretar os conteúdos ministrados nas disciplinas, deve participar da formação do surdo nas diversas situações e atividades acadêmicas, dentro e fora de sala de aula¹⁰.

Ainda em relação ao papel/função do TILS em relação à turma, de acordo com P13, conforme apresentado no Quadro 1, cabe a tal profissional apresentar e explicar para a turma sua função em sala de aula, pois, alunos que não tiveram contato

com surdos e nem com TILS durante sua formação podem não saber qual é a função desse profissional em sala de aula, em outras atividades da instituição e, portanto, no processo de formação do aluno surdo¹⁰.

Contudo, evidenciando uma posição distinta, para P1, conforme resposta apresentada no Quadro 1, o TILS em sala de aula não tem um papel importante no modo como o aluno surdo interage com os outros alunos da turma, dependendo exclusivamente do próprio aluno surdo o estabelecimento de tais interações.

Como foi possível notar, de modo geral, as respostas dos participantes da pesquisa, em que pesem as diferenças de concepções, ao se referirem à importância da relação TILS-Turma, embora majoritariamente restritas à situação imediata, aos aspectos de sua presença e aos fatores relativos à sala de aula, oferece um salto qualitativo, na medida em que indica uma concepção de formação que extrapola os limites deste contexto e preconiza o direito ao surdo uma participação na vida acadêmica, de modo ampliado.

A partir das respostas fornecidas pelos participantes acerca da relação entre professor e TILS, conforme apresentado no Quadro 2, foi possível notar um predomínio de visões que apontam para o trabalho em conjunto e para a interação entre professores e o TILS. Pode-se notar que os professores consideram que para que o aluno surdo tenha acesso aos conteúdos ministrados em aula, é necessário que docente e TILS trabalhem de forma colaborativa e participem efetivamente da vida acadêmica desse aluno.

De qualquer forma, chama atenção o fato de apenas 36% dos participantes referirem que cabe ao professor disponibilizar o conteúdo e material didático com antecedência para o TILS, contrariando análises realizadas em estudos nacionais e internacionais^{9,10,16,17,18}, que apontam a necessidade de um planejamento prévio por parte do TILS para que o mesmo possa interpretar os conteúdos abordados pelo professor de forma fluente.

Dentre os participantes que apontam para a importância de uma interação mais efetiva entre professor e TILS para que ocorra efetivamente a acessibilidade do aluno surdo no ES há o entendimento de que quando há planejamento da disciplina por parte do professor e este inclui o TILS, o mesmo poderá buscar informações sobre o conteúdo planejado, sobre termos e vocabulários relacionados

a cada disciplina, assim como sanar dúvidas junto ao professor^{9,14}.

Tais participantes reiteram a noção de que apenas a presença do TILS em sala de aula não garante uma formação de qualidade para esse alunado. De acordo com essa posição, P5 afirma que o preparo e a entrega de material de apoio ao TILS, conversas antes do início da aula e o esclarecimento de dúvidas, trará maior efetividade durante a tradução.

Acerca da atuação do TILS, dentre as respostas apresentadas no Quadro 2, P9 reconhece que poderia conversar e estabelecer maior proximidade com o TILS, e que o mesmo deveria indagá-lo diante de qualquer dúvida.

P4, conforme apresentado no Quadro 2, refere que a velocidade da fala do professor pode comprometer a interpretação e que é necessário dar tempo para que o TILS possa realizar a mesma. Ressalta-se que a redução da velocidade da fala por parte do professor poderá contribuir para que o TILS realize uma interpretação mais efetiva e para o estabelecimento de uma participação ativa e colaborativa por parte de ambos os profissionais.

Nessa direção, as respostas fornecidas pelos participantes sinalizam para o entendimento de que professor e TILS devem estabelecer uma relação de parceria, a partir da qual, assumam uma participação responsiva que permita o compartilhar de conhecimentos teórico-práticos e, portanto, o desenvolvimento de projetos e ações comuns direcionados ao aluno surdo.

Os resultados deste estudo, a exemplo de outros estudos^{9,17} apontam que dentre os desafios a serem enfrentados na formação do surdo, além de questões relativas à acessibilidade comunicacional, encontram-se questões envolvidas com a relação estabelecida entre TILS-Professor-Conteúdo. Para assegurar um processo de instrumentalização secundária por parte do aluno surdo, a parceria entre os referidos profissionais deve comportar discussões que propiciem ao TILS o desenvolvimento de conhecimentos cada vez mais amplos acerca das temáticas abordadas em sala de aula, para que ele possa interpretar conceitos e relações estabelecidas entre os mesmos, fator fundamental para uma formação de qualidade no ES²³.

Conclusão

A partir deste estudo foi possível apreender que a parceria entre professor e TILS é um processo

gradativo, sendo necessário que ambos os profissionais estejam comprometidos com o processo de permanência e participação do surdo no ES. Para tanto, os resultados apontam para a necessidade do entendimento da responsabilidade e da especificidade da atuação de cada profissional, no contexto educacional, a fim de que suas práticas possam promover a participação efetiva dos estudantes surdos em seus processos de formação acadêmica. Pode-se apreender, também, a necessidade do implemento de pesquisas e debates nas instituições de ES acerca das funções de cada um dos profissionais envolvidos e, especialmente que promovam a parceria entre professores e TILS.

Além disso, cabe ressaltar a importância de uma formação específica para tradutores e intérpretes de Libras na esfera do ES para que possam ampliar as discussões em torno de seus papéis e funções a fim de que possam contribuir para uma formação mais acessível para os alunos surdos.

É preciso esclarecer que, apesar da vasta formulação de políticas públicas brasileiras direcionadas a apoiar a acessibilidade dos surdos, muitos ainda são os entraves para que essa parcela da população tenha mais acesso aos bens sociais e culturais da humanidade.

Para tanto é preciso a consolidação de políticas públicas cujo objetivo seja superar condições de desigualdade e exclusão das pessoas surdas, eliminando barreiras que impeçam ou dificultem sua formação educacional e participação nas diversas esferas sociais.

Referências

1. Ayantoye CA, Lunckner JL. Successful Students who are deaf or hard of hearing and culturally and/or linguistically diverse in inclusive settings. *Am Ann Deaf*. 2016; 60(5): 453-66.
2. Brasil. Edital nº 8. Programa Incluir. Diário Oficial da União, n. 126, seção 3. Brasília (DF): Ministério da Educação; 2006.
3. 3 Brasil. Lei nº 14.146, de 06 de julho de 2015. Estatuto da pessoa com deficiência. Institui a lei brasileira de inclusão da pessoa com deficiência. Diário Oficial da União. Brasília (DF): Congresso Nacional; 2015.
4. Brasil. Lei nº 13.409, de 28 de dezembro de 2016. Altera a Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012, para dispor sobre a reserva de vagas para pessoas com deficiência nos cursos técnicos de nível médio e superior das instituições federais de ensino. Brasília (DF): Congresso Nacional; 2016.
5. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Censo demográfico: características gerais da população, religião e pessoas com deficiência. Rio de Janeiro: Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão; 2015.



6. Brasil. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Diário Oficial da União. Brasília (DF): Congresso Nacional; 2002.
7. Brasil. Decreto nº 5626, de 22 de dezembro de 2005. Diário Oficial da União. Brasília (DF): Congresso Nacional; 2005.
8. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). Sinopse estatística da educação superior. Brasília: INEP; 2017.
9. Marcon AM. O papel do tradutor/intérprete de Libras na compreensão de conceitos pelo surdo. *Rev Revel*. 2012; 10(19): 233-49.
10. Kotaki CS, Lacerda CBF. O intérprete de Libras no contexto da escola inclusiva: focalizando sua atuação na segunda etapa do ensino fundamental. In Santos LF, Lacerda CBF. *Tenho um aluno surdo, e agora?: Introdução à Libras e à educação de surdos*. São Carlos: EdusfCar; 2014.
11. Silva DS, Fernandes SF. O tradutor intérprete de língua de sinais (TILS) e a política nacional de educação inclusiva em contextos bilíngues para surdos: um estudo da realidade da rede pública estadual paranaense. *Rev Educ Espec*. 2018; 31(60): 35-50.
12. Silva VEC, Jadislene ES. Educação Inclusiva e a importância do intérprete de língua brasileira de sinais nos ambientes educacionais. *Rev Revel*. 2017; 9(2): 231-9.
13. Lacerda CBF, Gurgel TMA. Perfil de tradutores-intérpretes de Libras (TILS) que atuam no ensino superior no Brasil. *Rev Bras Educ Espec*. 2011; 17(3): 481-96.
14. Silva RQ, Guarinello AC, Martins SESO. O Intérprete de Libras no contexto do Ensino Superior. *Rev Teias*. 2016; 17(46): 177-90.
15. Corrêa JRS, Sander RE, Martins SESO. A percepção de universitários sobre a atuação do intérprete de Libras no Ensino Superior. *Rev Educ Espec*. 2017; 30(58): 529-40.
16. Napier J, Barker R. Accessing university education: perceptions, preferences, and expectations for interpreting by deaf students. *J Deaf Stud Deaf Educ*. 2004; 9(2): 228-38.
17. Knox S. Sign language interpreting in an academic setting. preparation strategies and considerations. *J Soc Anthropol Soc Stud*. 2006; 3(1): 183-204.
18. Siqueira VR. (In)congruências sobre o papel do intérprete de Libras entre os participantes do processo de tradução. *Rev Educ*. 2012; 15(19): 151-61.
19. Gurgel TMA. Práticas e formação de tradutores intérpretes de língua brasileira de sinais no Ensino Superior [Tese]. Piracicaba (SP): Universidade Metodista de Piracicaba; 2006.
20. Pereira OR. Alunos surdos, intérpretes de Libras e professores: atores em contato na universidade. *Cad Educ*. 2013; 12(24): 73-96.
21. Lacerda CBF. A inclusão escolar de alunos surdos: o que dizem professores e intérpretes sobre essa experiência. *Cad Cedes*. 2006; 26(69): 163-84.
22. Silva KC, Oliveira AAA. O papel do intérprete de Libras no processo de aprendizagem do aluno surdo nos anos iniciais do ensino fundamental. *Rev Eventos Pedagog*. 2014; 5(2): 181-90.
23. Oliveira WD, Benite AMC. Estudos sobre a relação entre o intérprete de Libras e o professor: implicações para o ensino de ciências. *Rev Bras Pesq Educ Ciênc*. 2015; 15(3): 597-626.
24. Lacerda CBF, Bernardino BM. O intérprete de língua brasileira de sinais no contexto da escola inclusiva: focalizando sua atuação na educação infantil. *Rev Espaço*. 2008; 28: 28-40.
25. Saviani, D. *Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações*. 10. ed. Campinas: Autores Associados, 2008.
26. Gasparin JL. *Uma didática para a pedagogia histórico-crítica*. Campinas: Autores Associados; 2002.
27. Bardin L. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70; 2011.
28. Lisboa TR. O tradutor e intérprete de Libras e língua portuguesa: visão de um grupo de professores do Ensino Superior [Dissertação]. Curitiba: Universidade Tuiuti do Paraná; 2017.
29. Caetano JF, Lacerda CBF, Santos LF. Estratégias metodológicas para o ensino de alunos surdos. In: Lacerda CBF, Santos LF. *Tenho um aluno surdo, e agora?: Introdução à Libras e Educação de surdos*. São Carlos: EDUFSCar; 2014.
30. Berberian AP, Guarinello AC, Eyng DB. Professores ouvintes e intérpretes de Libras: Mediadores-parceiros do processo educacional dos surdos. In: Giroto CRM, Martins SESO, Berberian A.P. (Org.). *Surdez e educação inclusiva*. São Paulo: Cultura Acadêmica; 2012.

